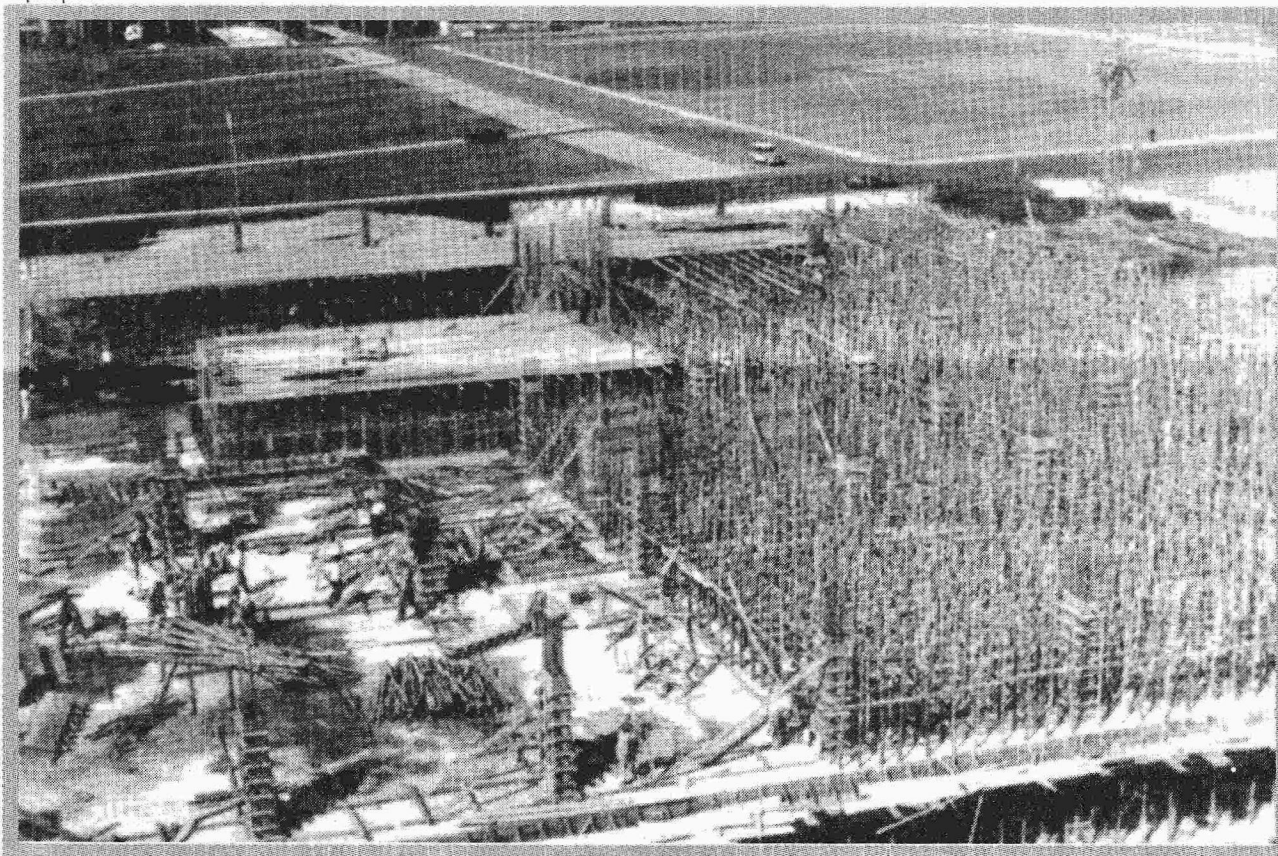


Paulo de Oliveira

Dois turnos de trabalho até a inauguração da cidade

Arquivo pessoal



VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

O ano era 1958 e o pioneiro Paulo de Oliveira já estava cansado de pular de emprego em emprego no Rio de Janeiro. Por isso, nem hesitou quando lhe passou pela cabeça pegar o trem na Cidade Maravilhosa para, depois de seis dias de viagem, chegar a Anápolis e finalmente chegar em Brasília. Uma viagem cansativa, mas que valeu a pena. “Mesmo de trem pude perceber pela estrada o que me esperava. Era só mato ou poeira e muito buraco, pois as estradas de ligação para Brasília ainda não estavam totalmente prontas”, lembra Paulo.

Nem mesmo alguns boatos desanimavam o jovem que veio para cá sem conhecer ninguém e sem ter nem ao menos onde morar. “As pessoas no Rio de Janeiro diziam que havia em Brasília uma cerca separando os trabalhadores de índios selvagens que nos atacavam”, conta o pioneiro, aos risos.

Quando Paulo chegou ao que seria a nova capital, logo percebeu que havia feito uma escolha das mais acertadas. “Na estrada de Anápolis para cá já vi que as oportunidades de emprego aumentavam. Mas aqui era impressionante. Em toda esquina havia faixas de construtoras precisando de

trabalhadores”, diz Paulo. Assim, o pioneiro entrou com a cara, a coragem e a carteira de trabalho no acampamento da Construtora CH para pedir emprego e saiu de lá já com o trabalho registrado na carteira. Ele foi ser ajudante de armador na construtora, profissão que Paulo veio conhecer aqui.

A preocupação com a qualidade da construção da capital federal era tanta que alguns materiais dificultavam a vida dos menos experientes na construção civil. Era o caso do material usado nas estruturas metálicas do Congresso e dos ministérios. “Setenta por cento do material

era de aço. Por isso, a gente não podia errar, pois se tentássemos voltar o aço depois de ter torcido uma vez, ele se quebrava. Quebrei várias vigas no meu primeiro dia. Em uma dessas vezes até caí sentado”, diverte-se. A falta de experiência na profissão fez com que ele fosse promovido em menos de uma semana. “Como eu era um dos únicos que sabia escrever, logo fui escrever as medidas previstas nas plantas nas tábuas e ferragens usadas na construção”, afirma.

A alfabetização também rendeu ao pioneiro um trabalho extra nos finais de semana. “Passava meu tempo livre, que

já era pouco, escrevendo cartas para os colegas que não sabiam escrever. Assim, eles podiam mandar notícias para seus familiares”, conta Paulo, que não tinha “coragem” de cobrar pelo serviço e recebia de vez em quando um maço de cigarros em troca das cartas.

Como a cidade tinha data marcada para ser inaugurada, o ritmo das obras era alucinante. “Não tinha dia, nem noite. Trabalhávamos sem parar”, confirma Paulo, que dividia seu tempo entre a construção dos ministérios e a Barragem do Paranoá. Por causa do ritmo de trabalho, o cansaço dos pioneiros

estava estampado na face e nos atos de cada um. “Uma vez estava trabalhando na construção do Ministério da Justiça e simplesmente caí em cima de um monte de britas, já dormindo”, conta Paulo. O pioneiro estava tão cansado que nem se lembra de quanto tempo dormiu. “Ainda bem que entenderam e não cortaram meu ponto”, afirma.

Dificuldades

Tanto trabalho fazia com que Paulo não tivesse tempo nem mesmo para ver os defeitos e dificuldades da cidade. E não eram poucos. “Morava no acampamento da construtora, que não

PAULO PARTICIPOU DA CONSTRUÇÃO DO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA: DIFICULDADE PARA TORCER AS VIGAS DE AÇO

Cansado da instabilidade profissional no Rio de Janeiro, o pioneiro resolveu tentar a vida na nova capital. Aqui nunca faltou trabalho e foi em Brasília que ele casou e constituiu família

PAULO E IRACEMA
COM A FAMÍLIA:
CERTEZA DE QUE O
PROGRESSO ESTAVA
EM BRASÍLIA



“
UM COLEGA
MINEIRO DIZIA
SEMPRE QUE IA
NA PADARIA
COMER UM
TREM NO CAFÉ
DA MANHÃ.
EMBORA
SOUBESSE QUE
NÃO SE TRATAVA
DA LOCOMOTIVA,
NÃO SABIA O
QUE ERA E
FICAVA SEMPRE
MUITO CURIOSO.
UM DIA RESOLVI
ACOMPANHÁ-LO
E DESCOBRI QUE
ERA O MESMO
BOLO MARTA
ROCHA COM
CAFÉ QUE EU
COMIA TODOS
OS DIAS”

tinha nem cama. A gente dormia em uma tábua mesmo, mas o sono era tanto que parecia a melhor das camas”, lembra o pioneiro, acrescentando que o acampamento também não tinha luz e nem água. “Usávamos a água do córrego que passava ali perto do acampamento mesmo para tomar banho e fazer café. Mas não tinha problema nenhum, pois ele não era poluído como é hoje”, comenta.

Assim como Paulo de Oliveira fez, muitos brasileiros de muitas partes diferentes do Brasil saíram de sua terra natal em direção a Brasília. O resultado foi uma miscigenação ímpar no país, com um encontro cultural que, muitas vezes, se tornava um verdadeiro desencontro e que acabou se tornando uma marca de Brasília. “Um colega mineiro dizia sempre que ia na padaria comer um trem no café da manhã. Embora soubesse que não se tratava da locomotiva, não sabia o que era e ficava sempre muito curioso. Um dia resolvi acompanhá-lo e descobri que era o

mesmo bolo Marta Rocha com café que eu comia todos os dias”, lembra o pioneiro.

Vila Amauri

Depois de morar no acampamento, Paulo foi para a casa dos futuros sogros, pais de Iracema Lopes de Oliveira, sua esposa até hoje. Eles moravam na Vila Amauri, cidade que o pioneiro classifica como “a maior cidade que havia no DF. Era tudo muito bonito lá”, lembra Paulo. Mas morar na Vila Amauri era uma aventura com data marcada para acabar. “Quando deram os lotes para os moradores avisaram que o local não era definitivo. Muita gente não acreditou, mas não teve jeito porque a cidade estava onde hoje é o Lago Paranoá”, conta Paulo. O pioneiro ressaltava que os moradores de lá não foram simplesmente despejados pelo governo. Eles foram transferidos para Sobradinho, Planaltina e Taguatinga. A opção de Paulo e Iracema foi a primeira, mas eles não ficaram muito tempo por lá. “A gente não tinha como morar em uma

casa muito pequena por causa dos nossos filhos. Como eu não tinha condições de ir para o Plano, acabei conseguindo uma casa boa no Guará”, conta.

Além de emoção e felicidade, o dia da inauguração trouxe — como não poderia deixar de ser — muito trabalho para Paulo de Oliveira. Mas dessa vez a recompensa financeira veio no mesmo dia. “Nunca ganhei tanto dinheiro na minha vida como naqueles três dias”, atesta Paulo, que vendeu refrigerante na Esplanada dos Ministérios nos dias 19, 20 e 21 de abril. Utilizando-se de toda a sua malandragem carioca, Paulo acabou ganhando mais do que estava previsto com a atividade. “Tinha muita gente bacana na cidade naqueles dias. O preço do refrigerante era dado de acordo com a cara do freguês”, revela, aos risos, o pioneiro. O sucesso do refrigerante vendido por Paulo era tão grande que no dia da inauguração um parlamentar comprou todas as garrafinhas dele e o convidou para distribuí-las em pleno Palácio do Planalto.

Raio X

Nome:
Paulo de Oliveira
Idade:
68 anos
Origem:
Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília:
1958
Profissão:
aposentado
Esposa:
Iracema Lopes de Oliveira
Filhos:
Divino, Sueli, Silvania, Diovânio, Sandra, Divanildo e Sâmara
Netos:
Izabela, Beatriz, Ana Regina, Guilherme, Tainá, Ana Carolina, Geovana, Aline, Juliana e Felipe
Bisnetos:
Lucas